

11-03-2022

MANDIOCOLÂNDIA**Eguimar Felício Chaveiro**[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente
da UFG/Universidade Federal de Goiás]*“Eu sou o caminho, a verdade e a mandioca”*

Pois bem!

Quando eu participava do grupo ARTE DO AFETO (Goiânia-GO), rodeado de pessoas que viviam fora da universidade, achei que seria momento de fazer curso de artesanato; de dança de salão (fiz de dança circular) ou de marcenaria. Entendia que, seduzido pelo *habitus* universitário, poderia me viciar no estilo discursivo acadêmico e, então, fechar a visão para outros modos de vida e para outros estilos discursivos. Com título de doutor nas mãos comporia uma parte da grande família dos nobres equivocados. Um amigo, Aprígio Neto (carregado à terra pela Covid), atento ao projeto de impor-se contra a obsessão e contra o narcisismo acadêmico, me fez uma proposta: deveríamos montar um bar artístico com base numa estética comestível.

A justificativa do projeto era simples: comer é uma forma de engajamento estético no mundo; o estômago possui predileções também pelo critério de beleza.

O nome do bar seria coerente ao conteúdo: MANDIOCOLÂNDIA. Ou: Cidade da Mandioca.

Faríamos, em nosso bar, várias iguarias de mandioca, incluindo a farofa de alho; a mandioca frita seca; a mandioca recheada de queijo; o escondidinho; o quibebe... E para os sofisticados sugeriríamos o prato “surubim na mandioca”. O bar Mandiocolândia, a cidade da mandioca, seria um lugar de experimentação da estética comestível. Por isso, além da comida os pratos gerariam efeitos iconográficos, inclusive com a sobremesa composta pelo bolo de mandioca ou pelo “mané pelado”. Aliás, numa placa legível, com colunas de desenho de mandioca, seria possível ler os dons nutritivos desse tubérculo indígena. Mandioca é matéria de aprendizagem - insistiríamos.



Mané pelado

Mandioca:
30,01g carboidratos
0,6g proteínas
11,1mg vit.C
100,4mg potássio

Mas não era só isso. O bom freguês, com a sua namorada cheirosa, poderia abrir o cardápio e pedir rapadura com mandioca, ou mandioca cozida com carne de bode. A moça bela, “esgoelada de fome”, poderia, com ar humorado, dizer ao namorado: “aqui a mandioca funciona”. A mandioca seria uma espécie de índice do imaginário nacional. Por conseguinte, serviria como lição: comer mandioca é um modo de agir em nome do pertencimento e do enraizamento.

A premissa geográfica do professor Elvio Martins (USP) seria comprovada: “*ser é pertencer; ser é localizar-se*”. A defesa da mandioca seria a defesa do ser; a defesa do ser viria com a compreensão cultural da mandioca. Eis os rudimentos da estética alimentar. Papo de raiz. Mais que isso: comer mandioca ensinava a fazer filosofia. A ontologia da mandioca sinalizava que nós brasileiros temos a mandioca como origem e, se é assim, como designio. O bar, como se sabe desde Paulo Mendes Campos, é um lugar de filosofar e de poetizar. No bar, Nietzsche chega com baba; Piaf entorna lágrimas; Elis faz transcender a saideira. Na contenda de amigos, Garrincha ganha de Pelé pelo simples fato de ter alma de menino. O bar Mandiocolândia consistiria num teatro dos bons encontros, num território de memória étnica. Contudo, não montamos o bar. O meu amigo Aprígio Neto, como a mandioca, desceu definitivamente ao subsolo. Plantou as suas raízes onde se originou - e todos se originam e voltam. Eu continuo aceso no trabalho na universidade, aceso e vigilante quanto aos vícios e ao narcisismo acadêmico. Por isso, coloco-me o desafio de não aceitar ser engolido pela subjetividade neoliberal que reina ali e em outros lugares. Tento mastigar a vida simbólica sem esquecer as minhas raízes. Aliás, tive, até o momento, uma vida feliz no trabalho acadêmico, consciente que pertencço ao grupo de professores universitários provincianos. Não é raro citar Foucault, depois comer farofa.

Ah, estava me esquecendo
que na porta principal a voz do bar diz:

“eu sou o caminho, a verdade e a mandioca”

■ ■ ■